



Rubin: saída de Lopes não deve ser entendida como recuo nos planos de reforma

QUEDA DE CHICO LOPES AGRADA AO FMI

Ricardo Leopoldo e
Tina Evaristo
Da equipe do **Correio**

Analistas internacionais acreditam que o Fundo Monetário Internacional (FMI) foi o grande responsável pela queda inesperada do presidente do Banco Central, Francisco Lopes. Para os especialistas, o FMI quer que o Brasil adote um regime cambial com regras claras de intervenção, como o que existe no México. Naquele país, quando a cotação da moeda sobe 2%, o governo vende US\$ 200 milhões para tentar estabilizar as variações do peso em relação ao dólar. Para o FMI, a grande elevação do câmbio na sexta-feira, que bateu em R\$ 2,15 sem nenhuma pressão contrária do BC, mostrou que Lopes precisava ser substituído por um operador capaz de executar as medidas sugeridas pelo Fundo.

Segundo um diretor de um dos maiores bancos de investimentos de Nova York, o FMI não tinha plena confiança de que Francisco Lopes, um acadêmico com idéias próprias que participou dos planos Cruzado e Real, fosse totalmente "flexível" às sugestões vindas de Stanley Fischer, o diretor-adjunto do Fundo. "O FMI não acredita que Chico Lopes aceite elevar os juros na lua para cortar a inflação", comentou. "Ele está preocupado com os efeitos dos juros sobre a dívida pública, que é de R\$ 349 bilhões e 60% dela estão atre-

lados às oscilações monetárias. Para Lopes, elevar muito este débito poderia aumentar o nervosismo do mercado, pois o País ficaria mais perto de declarar moratória".

Um ex-diretor do Banco Central, que conhece muito a cúpula da instituição, concorda que a independência técnica de Lopes tenha sido um fator determinante para a pressão do FMI por sua saída. "Ele é um homem muito criativo, que gosta de experimentar suas idéias", afirmou. Um desses "experimentos" foi a pequena banda cambial, que anunciou logo depois de assumir o cargo, no dia 13. Para os analistas, o cheiro da fritura de Lopes veio forte da Suíça. Em Davos, Stanley Fischer mandou um recado duro ao governo brasileiro. Ele destacou que o país conseguiu grandes avanços na aprovação de boa parte do ajuste fiscal proposto ao Congresso no final do ano. "Mas falta uma clara política monetária", disse o diretor-adjunto do FMI. "Este recado foi dirigido para Lopes", afirmou um economista em Nova York. "Para o Fundo, quando o câmbio es-

tiver muito nervoso o BC precisa vender dólares de alguma forma e segurar o tranco com os juros".

A necessidade de subida de juros já era vista há dez dias como fundamental por especialistas em Wall Street. Além da privatização de empresas como Petrobras e corte de despesas administrativas, como demissões no funcionalismo, Arturo Porzecanski, diretor do banco ING

Barings, defendia o uso da política monetária para cortar a oferta de dinheiro disponível no mercado.

O secretário do Tesouro norte-americano, Robert Rubin, não quis fazer maiores comentários sobre as mudanças no BC brasileiro, disse apenas que a saída de Lopes não deveria ser entendida

da como um recuo nos planos de reforma fiscal. "O presidente Fernando Henrique tem o direito de escolher quem ele acha que tem melhor capacidade para atender às necessidades do país".

No fim do ano passado, num seminário em Washington, o então funcionário do Fundo Soros deu uma pequena explicação de seus co-

nhecimentos de gestão cambial.

"Eu, na verdade, acho que é possível ter uma taxa flutuante com mobilidade livre de capital desde que o setor financeiro seja profundo o suficiente e bem capitalizado, bem regulado" disse ele numa clara manifestação de apoio às políticas do FMI.

"É preciso saber separar as coisas. Só porque Fraga trabalhou no Fundo Soros, não significa que seguirá a linha de pensamento defendida por seu antigo empregador", argumentou Michael Pettis, diretor do banco americano Bears Stearns, para quem "Fraga reúne conhecimentos acadêmicos e muita experiência de mercado, mas as pessoas não devem esperar por um milagre. Se a crise não piorar, isso já está muito bom", concluiu.

"Ele é um homem muito sério. Se resolver adotar um programa econômico, estou certo de que será algo de muita credibilidade", afirmou o economista-chefe do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Ricardo Hausmann.

Carlos Eduardo de Freitas, coordenador da Escola de Pós Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, e ex-coordenador da Área Externa do BC, também aprovou a ida de Fraga para o Banco Central. "A escolha foi perfeita. Trata-se de uma pessoa sensata, que não produz pacotes. A chegada dele significa que o Brasil mudou, e para melhor". disse Freitas.

"SÓ PORQUE FRAGA TRABALHOU COM SOROS NÃO SIGNIFICA QUE SEGUIRÁ A LINHA DE PENSAMENTO DEFENDIDA POR SEU ANTIGO EMPREGADOR"

Michael Pettis,
diretor do banco americano
Bears Stearns